

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Martins Francisco

registada em 2008-09-11
por

Susana Pires e Jenny Campos

José Martins Francisco

José Martins Francisco nasceu a 29 de Abril de 1935, na freguesia do Socorro, em Lisboa. Veio para Monte Frio com 11 meses de idade, para a terra dos pais. O pai chamava-se José Francisco e a mãe Maria do Carmo. Tem uma irmã mais velha. Andou descalço até aos 11 anos, “a guardar gado, pela serra, no meio do mato e dos penedos”. O pai foi para Lisboa, “trabalhava de noite numa garagem e de dia vendia hortaliça”, José acompanhou-o, mas aos 14 anos ficou sozinho em Lisboa, o pai regressou à aldeia. Casou em Lisboa e por lá ficaram a viver e criaram um filho. Foi aprendiz numa oficina de estofador de cadeiras, foi para a tropa e depois para a construção civil. Nesta altura tirou a carta e foi trabalhar nos táxis, “era trabalhar 12 horas por dia e estender a mão à caridade”. Trabalhou como taxista durante 16 anos. Mais tarde, foi operado à coluna e o médico mandou-o para a reforma. Nessa altura foi para distribuidor, distribuía o Expresso, o Tempo e o Diabo. Depois de reformado, assim como a sua esposa, regressaram para Monte Frio, “passar o resto dos dias”. Hoje passam “a vida, alegres e contentes”.

Índice

Identificação José Martins Francisco.....	4
Ascendência José e Maria.....	4
Infância "Os meus pais era pobres".....	5
Casa Casa de xisto.....	5
Educação Quadro e lápis de pedra.....	6
Casamento Casamento simples.....	6
Percurso profissional Vida rija.....	7
Costumes Sabores e saberes de antigamente.....	9
Lugar Terra dos Valentões.....	14
Lazer "Alegres e contentes".....	15
Avaliação "Preservar as memórias".....	15

Identificação *José Martins Francisco*

O meu nome é José Martins Francisco e nasci a 29 de Abril de 1935, na freguesia do Socorro, em Lisboa. Vim para Monte Frio com 11 meses de idade, para a terra dos meus pais.



José Martins Francisco

Ascendência *José e Maria*

O meu pai chamava-se José Francisco e a minha mãe Maria do Carmo. Tenho uma irmã mais velha do que eu.

Infância "*Os meus pais era pobres*"

Descalço e roto

Andei descalço até aos 11 anos, a guardar gado, pela serra, no meio do mato e dos penedos. Ia de Monte Frio para Vila Cova com um sarrão de milho, no Verão, para se ir moer. Na minha terra não havia quem moesse porque, no Inverno, ainda há um moinho de água, só que no Verão não há. Tinha de ser em Côja ou em Vila Cova. Então a gente ia para Vila Cova. Foi assim a minha infância. Passar fome, andar descalço, roto. Os meus pais eram pobres. Eu andava a guardar gado, descalço Verão e Inverno. Sempre.

Sardinha para um mês

Comíamos de tudo. De tudo em pobre. Batatas e hortalíça, às vezes, só batatas. Outras vezes, se tinha uns ovitos, juntavam-se para vender a uma regateira que, antigamente, vinha aí para comprar os ovos. Com aquele dinheirito compravam-se as sardinhas. Ia-se à feira comprar. A minha mãe fazia-as com uma carqueja por baixo. Era um bocado de mato para pôr a sardinha por cima, para não ficar amarela do sal era assim que se fazia. A sardinha tinha de dar para o mês inteiro.

Jogos de meninos

Eu gostava de brincar com os rapazes para jogarmos à cocha. Fazia-se uns buracos no largo, que não era tão grande como é agora. Depois ia-se buscar uma pinha e um pau, e ficava sempre um de fora. Então a gente dava uma "gastada" na pinha que era para outro a vir apanhar, mas nós tínhamos de correr rápido que era para o que andava de fora não apanhar o nosso buraco. Se a gente deixasse apanhar o nosso buraco éramos nós que íamos lá para o meio. Também jogávamos ao pião. Fazia-se uma rodela no chão e jogava-se ao pião. Se o nosso pião parasse dentro da rodela só saía de lá com os outros a cascar. Não se podia lá ir buscar. Era assim. E também jogávamos às escondidas.

Casa Casa de xisto

A minha casa de infância é a mesma de hoje. Era em xisto. Tinha a sala, o quarto e uma arrecadação pequenina. Onde hoje é a casa de banho era uma arrecadação também. Tinha a cozinha que era em lenha. Não é como eu tenho agora. Tinha uma lareirazinha onde se fazia o comer em panelas de ferro de três pés. Era assim que se fazia o comer na minha casa.

Educação Quadro e lápis de pedra

No tempo em que eu andei na escola éramos 30 e tal. A escola era feita em xisto. Tinha uma sala grande, a sala de aulas, e depois tinha um salão que era onde a gente ia meter as capuchas. A capucha é o género de uma capa que a gente usava por causa da chuva, feita de lã de ovelha. A gente chegava à escola e como ia molhada punha-se lá pendurada. Levávamos uma buchazita, às vezes, quando havia, e lá se pendurava para a hora do almoço. A escola tinha um pátio muito grande onde a gente brincava no Inverno, porque não podia ir para o recreio por causa da chuva.

Escrevíamos numa ardósia. Um quadrado em pedra. Era com o lápis, também em pedra. A gente já comprava isso nas lojas. Também tínhamos lápis e tínhamos cadernos, mas a maior parte das vezes era só nas ardósias que a gente escrevia, porque podia apagar, e no papel já não, ficava borrado e a professora não gostava. Tínhamos uma professora tão jeitosa que há uns anos quiseram-lhe fazer uma homenagem e eu não fui. Há uns dias, na cabeleireira onde vai a minha mulher, ela estava lá e a minha mulher deve ter-lhe dito que eu tinha sido aluno dela, ela levantou-se para me vir falar:

- "O senhor diz que me conhece."

E eu assim:

- Por acaso conheço e não conheço grande coisa.

Virei-lhe as costas e vim-me embora.

Casamento Casamento simples

Casei-me em Lisboa, na Igreja de São Jorge de Arroios. Ia com um fato de civil. Ficámos a viver em Lisboa. Vivi dez anos na Charneca do Lumiar, que foi onde nasceu o meu filho, José Manuel Jesus Francisco, na freguesia de Camarate. Depois vivi 14 anos em Benfica, onde a minha mulher foi porteira num prédio.



José Manuel, filho de José, na redacção do jornal onde trabalhava

Percurso profissional *Vida rija*

Sem amparo de mãe e pai

O meu pai vivia em Lisboa, trabalhava de noite numa garagem e de dia vendia hortaliça. E eu fui para o pé dele. Ficou só a minha irmã com a minha mãe. E aos 14 anos, fiquei sozinho dentro daquela cidade sem um amparo de mãe nem de pai, nem nada. Fiquei sozinho. O meu pai veio para Monte Frio e eu fiquei em Lisboa. Conforme deu para ter sido um homem honesto também podia ter dado um vagabundo. Esta é a verdade. O dinheiro que ganhava era para mim e pouco! Eu era aprendiz numa oficina de estofador de cadeiras. Ganhava 20 escudos por dia. Tinha de comer, pagar o quarto e pagar a quem mo lavasse, 20 escudos por dia. O ferro ainda vai ao lume, a gente bate e ele alarga, mas o dinheiro não, aquilo não alarga. Aquilo tem de ser é apertado para chegar para

tudo. Comprava-se uma postinha de bacalhau, que naquele tempo, vendiam nas mercearias à posta, já demolido a 1200, ou seja 12 tostões, outras vezes, 15. Comprava-se meio decilitro de azeite, ou conforme se queria. Era assim que se comia. Nessa altura tinha ido para Lisboa e estava a viver num quarto. Houve alguns da terra que estiveram numa camarata, que era ali em Santa Marta. Até lhe chamavam a Casa da Malta. Levantavam-se uns para dormirem os outros. Uns trabalhavam de dia, outros trabalhavam de noite. Uns a vender hortaliça, outros nas garagens. Às vezes, a cama ainda estava quente quando se deitava o outro. A vida era rija.

A ver se o dinheiro esticava

A seguir fui para a tropa. Continuou a ser uma vida difícil. Como era na vida civil assim foi na tropa. Se eu não tinha quem mo desse, não o ganhava. A gente ganhava 30 e poucos escudos por mês. Eu fumava nesse tempo. Era a ver se o dinheirito esticava quando chegasse o outro. Depois da tropa é que fui para a construção civil, em meia dúzia de meses, tirei a carta e então comecei a trabalhar nos táxis.

Momentos difíceis

Nos táxis era trabalhar 12 horas por dia e estender a mão à caridade para me poder governar. Os ordenados eram a maior miséria de todos os tempos. Estávamos sempre à espera da gratificação. Hoje já têm os ordenados mínimos mas, naquele tempo, não. Era 30 escudos por dia, 12 horas. Trabalhei como taxista em Lisboa 16 anos. Foram momentos difíceis mas ainda hoje são difíceis, ainda é pior por causa da gatunagem e do roubo. No meu tempo também já havia, mas não era tanto. Lá um, de vez em quando, se queixava que o tinham assaltado mas era muito raro.

Na reforma distribuía jornais

Mais tarde, fui operado duas vezes à coluna e o meu médico mandou-me para a reforma. Estava sujeito a ficar numa cadeira de rodas. Então fui para distribuidor. Havia um senhor, que morava num prédio ao nosso lado, e o sujeito tinha uma distribuidora. Fui trabalhar para ele, trabalhar três dias por semana, à segunda-feira, à quarta e à sexta. De sexta para sábado era a tirar o Expresso. De

quarta para quinta era a tirar o Tempo, que já fechou há muitos anos. À segunda-feira era a tirar o Diabo.

Eu reformei-me e a minha mulher também e viemos para Monte Frio passar o resto dos dias da nossa vida. Foi sempre o que eu quis. Vir para a minha aldeia.



José Martins Francisco

Costumes Sabores e saberes de antigamente

Broa quentinha com chanfana

Em minha casa fazia-se broa. Peneiravam a farinha de milho e de centeio. Depois misturavam, mas como o centeio era pouco, chamavam-lhe só farinha de mistura, que era para a broa ficar mais macia. Depois amassava-se, só levava um bocadinho de crescento. O crescento ficava de outra vez que cozessem, deixavam ficar sempre um bocadinho de massa que era para azedar. E depois na semana seguinte quando fossem a cozer já aquela massa estava azeda. Depois amassavam numas gamelas grandes, em castanho, e tapavam-na com duas ou três

mantas para ganhar calor. Chamavam a isso levedar a broa. Quando ela estivesse toda gretada aquecia-se o forno com lenha, é claro, e depois metia-se. Havia uma pá grande com que se metia para dentro do forno. Era agora dois bocadinhos dessa broa assim quentinha com um bocadinho de chanfana. Mas não há.

Gostava de fazer queijo e dos cabritos a pular

Aqui em Monte Frio havia o queijo. Eu quando vim para cá e comecei a fazer só de cabra, mas no tempo dos meus pais e de muita gente, era cabra e ovelha. Mas eu nunca gostei de ovelhas, porque a ovelha é só tosquiada em Maio, e no Inverno, quando é no tempo de chuva, a gente anda com elas na rua para comerem e a lã molha-se. Depois quando vão para a loja, põe-se a palha para elas comerem, a gente chamava-lhe o feno, que às vezes tem semente, quando não é bem batido. Então caía aquela semente em cima da lã e chegava a nascer erva. E a lã da ovelha cheira mal, cheira a surro. Eu nunca gostei das ovelhas, no tempo dos meus pais tínhamos cabras e ovelhas, mas eu nunca gostei. Tive sempre cabras.

Para o queijo tínhamos o cardo, que dá uma florzinha azul. Um género de alcachofras. Aquilo dá três camadas. Quando elas estão floridas, a gente arranca-lhe aquele azulinho e deixa-se secar. Depois, quando for aí ao fim de três ou quatro dias, tem outra camada, e a gente vai, tira e torna a pôr a secar. Depois quando aquilo já não tem nada, não presta. No outro ano a seguir torna a rebentar. Corta-se rente à terra e no outro ano torna a rebentar. Numa tigelinha pequenina punha-se um bocadinho de cardo e de água morna e depois amachucava aquilo, bem amachucadinho. O leite tinha de se pôr à borda do lume mais ou menos em banho-maria. Depois quando fosse a coar para a panela de barro, num paninho branco, punha-se no cima da boca da panela, e punha-se aquele coador. Então é que se coava o leite. Depois mexia-se muito bem mexido. Enrolava-se a panela com o leite lá dentro e deixava-se estar aí mais ou menos 45 minutos ou uma hora para coalhar. Depois então tínhamos uns acinchozinhos com vários furos. Se o leite fosse muito, como a coalhada era muita, tinha de se abrir o acincho, puxava-se o arame. Aquilo era para depois espremer o soro, o que não prestava. Punha-se para um tacho, fervia-se e assim se fazia o requeijão. Aquilo é bom, é bom como o milho. Agora já não faço. Há uns sete ou oito anos que vendi as cabras, vendi tudo. Aquilo dava muito trabalho. Tem de se ir ao mato todos os dias para pôr na loja. Tem de se ir com elas para a rua para irem passear. Tem de se ir à erva para lhe pôr na loja. Tem de se ter muita palha que, às vezes, no Inverno tem três ou quatro dias que não se pode ir com elas à rua. Quando se

debulha o feijão fica a casca. Até isso cheguei a ter muitas sacas que me davam dessa casca. As pessoas já não tinham gado e davam-me a mim.

Eram precisos pelo menos 2 litros de leite para fazer queijo. E elas davam 7 decilitros, 7 decilitros e meio cada uma. Mas tive cá uma que tinha as tetas grandes. Nem podia ir com ela para a rua quando ela andava para parir. Paria dois todos os anos. E os cabritos, como qualquer rês tem tendência, quando nasce, a ir mamar, e então procura as mamas em cima. Ela coitadinha tinha as mamas que roçava no mato. Eu lá ia, punha a teta na minha mão e é que chegava para o cabrito mamar. Era aí 15 dias, três semanas. Depois já se habituavam, já mamavam à vontade. Mas era bonito. Quando cheguei a ter, na mesma altura, 14 cabritinhos tudo a pular. Quando iam para a rua aquilo era a alegria deles, pular. Mas dá muito trabalho. E então acabei.

Parteiro das cabras

Era eu sempre o parteiro das minhas cabras. O parto é fácil. Elas coitadinhas é que fazem o parto por elas, não é preciso ir mexer. A gente é que tem de estar ao pé porque, às vezes, pode vir morto ou elas não os lamberem, não lhe tirarem aquele líquido. Há cabras que comem aquilo e faz mal. Eu sabia quando a cabra ia parir, porque andam cinco meses grávidas, e eu sabia mais ou menos o dia em que a cabra andava com o chibo, porque eu criava chibo todo o ano. Mas eu só os deixava cobrir nos fins de Abril, princípio de Maio, por causa do queijo. Em Maio não presta. É rendado por causa da flor da carqueja e das giestas. Fica mais esburacado e então eu não as deixava cobrir depois dessa data. Era sempre nos fins de Abril, princípios de Maio. Então pariam por volta de Setembro, mais ou menos. Eu contava mais ou menos o tempo e aquilo não falhava, dois, três dias, não falhava. Eu tinha o curral da parte de baixo da minha casa, tinha uma pilha e, de vez em quando, ia lá, mesmo de noite, ver como é que estavam. Às vezes já estavam paridas. Depois tinha de estar à espera, outras vezes quando estava mais frio, uma noite mais fria, levantava a cabra para cima de mim, com as mãos levantava-a, passava-lhe a mão no lombo e depois deixava-a cair de repente. As mulheres quando têm uma criança deitam os restos fora, a cabra e outros animais também. Então fazia isso para sair, para elas não comerem aquilo. Diziam que não fazia bem ao leite. Não sei. Nunca tive esse problema, cabras que me fizessem isso, porque eu estava sempre em cima do acontecimento. Só tive uma vez duas que pariram na mesma altura, uma pariu três e outra só pariu um. Aquela que pariu um como foi na mesma altura começou a lamber, a limpar uma cria da outra e ficou a amamentar os dois.

Outros tempos

Antigamente era tudo diferente. As mulheres lavavam a roupa com cloreto e depois punham a secar, a corar na relva, à beira dos tanques. Nós temos ainda três tanques. Era aí que se lavava a roupa. Não havia cá lixívias, nem detergente, não havia nada disso.

Para se conservar a comida havia umas caixas com sal grosso para pôr os presuntos dos porcos a salgar. Depois aproveitava-se aquele sal para a comida. Não havia dinheiro para andar a estragar. Não havia frigoríficos, mas também não havia comida. Nós tínhamos uma bacia grande e a minha mãe fazia as batatas às rodelas, como quando é para a caldeirada. Fazia assim a batata, mas não havia nada para lhe pôr, era água e uns dentinhos de alho por cima e era assim.

Jogos com direito a taça

Jogos tínhamos a malha. É um fito que se põe, um em cada ponta. Depois com umas malhas atirávamos. Depende de cada terra mas a de Monte Frio é capaz de ter aí uns 2 quilos. Temos também o dominó e o jogo das cartas. Na festa da terra faz-se um concurso de sueca e há umas taças para distribuir. De resto, não há mais jogos.

Fados e pregões

Em Monte Frio canta-se ao fado e muito. Mas não é ao desafio. Primeiro canta um uma canção, depois canta outro, depois outro e depois outro. Mas não é à desgarrada, cada um canta à sua maneira. Cantavam à desgarrada nos campos. Mas isso era quando andavam a "enleirar" o milho ou a sachar, ou os resineiros a tirarem a resina dos pinhais, aí é que andava tudo a cantar. Antigamente, isso era um lírio. Era como em Lisboa, antigamente, era o homem do ferro velho, era o vendedor da hortaliça, era o homem que vendia os morangos, era a peixeira, era a fava rica, tudo apregoava. Aquilo era uma alegria. Então a malta já conhecia aqueles pregões. Havia um da casa mesmo ao lado da minha, que era o Tone Duarte, esse ainda vinha acima do cruzamento e já se ouvia o pregão dele a vender morangos: "Ai um cabaz com morangos. É de Sintra e Colares". Antigamente, só Sintra e Colares é que tinha morangos. Era o homem do mexilhão, à noite: "É o mexilhão, é para a criada é para o patrão". Era tanta coisa.

Remédios caseiros dá para tudo

Quando alguém ficava doente tinha de ir ao médico a Côja. Mas também se podia chamar. Por exemplo, o doutor Cosme veio a Monte Frio muitas vezes aos velhotes. Antigamente nem carreira havia. No meu tempo, a estrada só chegava à primeira povoação, à Portela. Então é claro, o doutor que morreu aqui há anos, o doutor Fernando Vale, ia num burrinho ao Piódão e lá por essas aldeias por aí acima de burro. Não havia estradas, não havia nada. Nem automóveis nem nada. Mas também havia um homem da Benfeita, que não era médico, o José Augusto. Já morreu há muitos anos. Ainda tem o filho vivo, que é o Minas que escreve para o jornal de Arganil. Esse homem era entendido. Dava umas injeções, uns comprimidos e tal, mas à maneira lá dele. Remédios caseiros. A maior parte dos medicamentos eram caseiros. Lembro-me do chá de lúcia-lima, de erva-cidreira, que há muito, e de alecrim. Esses chás era como na tropa, um comprimido dá para curar tudo, e naquele tempo os chás também. Os miúdos, quando tinham otites iam a uma senhora que tivesse a dar de mamar a um bebé, mas tinha de ser rapazinho, menino. Espremiam a mama para o ouvido da criança e era assim que curavam as otites. Quando tinham dores de barriga, aqueciam azeite e esfregavam na barriga da criança.

As bruxas e o mal de inveja

O meu falecido pai contava-me que não acreditava em bruxas. Ele ficou sem mãe aos 14 anos, quando foi da pneumónica. Na altura, havia na aldeia uma taberna, que já fechou aqui há anos, e o meu avó disse para ele:

- "Olha filho queres ver as bruxas?"

Não tenho bem a certeza, mas parece que era de terça para quarta e de quinta para sexta, à meia-noite.

- "Vens e tu vais vê-las a entrar."

E assim foi. O meu falecido pai esteve à espera na taberna que chegasse a meia-noite para ir para casa. E quando chegou, onde é hoje o quarto da minha irmã, tem um alçapão que vai da loja, tem uma entrada por baixo. A gente chama-lhe alçapão porque aquilo tem uma porta, que dá para abrir e fechar, no soalho. Então ele viu aquelas luzinhas a entrar pelos buracos desse alçapão e foi buscar uma tranca numa porta, um pau do gado. Elas levantavam-se e começavam-se a rir. Ele que nunca conseguiu agarrar nenhuma disse:

- "Brinquem aí".

Disse lá uma ladainha qualquer e foi-se deitar.

Histórias dos antigos

Contavam na aldeia que havia os lobisomens mas eu nunca vi nenhum. Eu não acredito nisso. Diziam que era um animal que passava e que tinha de correr sete freguesias durante a noite. Diziam que vinha de um casal que tinha sete filhos, sete rapazes. O último a nascer tinha de se pôr o nome de Adão ou então era lobisomem. Se é verdade ou mentira não sei. Aquilo vai em animal, depende do animal que seja. Pode ir em porco, em galinha, em cavalo ou no que for. Para deixar de ser lobisomem, por aquilo que eu ouvi contar, tinha de se estar num sítio onde ele passasse, com uma aguilhada. Um pau que os homens que andam com carros de bois têm, grande que tem um picozinho na ponta. A gente chamava-lhe uma aguilhada. Então tinham que estar com um pau desses à espera no sítio onde ele passasse para o picar. Mas ao mesmo tempo que o picasse tinha de fazer sangue e virar-lhe a roupa ao contrário. Porque se não virassem a roupa ao contrário onde ele deitasse a boca, as patas ou o que fosse, matava a pessoa. Isto foi o que me contavam os antigos, agora como é que é não sei, que nunca vi nenhum.

Lugar *Terra dos Valentões*

Muito frio!

Segundo dizem as lendas, a origem do nome de Monte Frio vêm de um pastor que vinha da Benfeita para cima e quando começou a subir com o rebanho queixou-se para o outro que lá vinha:

- "Oh pá aqui está muito frio!"

Ficou o Monte Frio. E esse diz para o outro:

- "Olha é benfeito."

Ficou a Benfeita. Isso dizem os antigos, se foi assim ou não, não sei.

De região para região nomes diferentes

Em Monte Frio há palavras diferentes de outros sítios mas isso é conforme a região. Por exemplo, sertã, para nós é uma frigideira. Noutros lados uma tigela de comer a sopa é malga, para nós é tigela. A panela para onde ordenhávamos o gado chamava-se lata. Era em folha, tinha uma tampa grande para tapar e tinha

um arco. No Monte Frio chama-se lata do leite, em certos lados chama-se leiteira. Depende do sítio. De região para região, tem vários nomes.

Monte Frio com alcunha de barba rija

Na região temos as alcunhas. Eu não as sei todas. No Sardal são os "Casaquinhas", no Monte Frio são os "Valentões", nos Pardieiros são os "Ralhadores", na Benfeita são os "Balseiros", no Pisão são "Bezerros", em Côja são "Bois". Os "Pintassilgos" é Arganil. Em Vila Cova são os "Corvachos". Não me lembro deles todos... Sei que chamam "Valentões" aos de Monte Frio porque eram daqueles tipos, daqueles homens de aço mesmo, de ferro, que andavam aí sempre à porrada. Festa onde eles fossem tinha de haver porrada de "criar bicho". Uma vez, já morreram esses dois homens, quiseram bater num sapateiro da aldeia, o Armando, ali nos Pardieiros, e ele queixou-se:

- "Ó, tio António, então sabes lá, então quiseram-me bater hoje."

- "O quê!? Anda daí mais eu. Vamos lá ver se eles te batem. Quando a gente chegar mata uma galinha, se vier uma cabra mata-se também, se vier o homem vai para o mesmo monte."

Isto antigamente era assim. Eu vi a desafiá-los, ao cimo no cruzamento da Moura, a mandar com foguetes, a desafiá-los. Mas eram os de barba rija, não era como hoje, fazem o que querem e ainda sobra tempo. Naquele tempo era assim.

Pouco para visitar

Quem quiser visitar Monte Frio tem para ver os fontanários antigos. Tem dois tanques que era onde iam as pessoas todas lavar. As pessoas da aldeia são como em todo o lado, há do bom e do mau. Há aqui bons rapazes.

Lazer "*Alegres e contentes*"

Os meus dias passo-os a fazer nada. Compro já tudo feito. Ajudo a velha a fazer o comer e ralho com ela e ela comigo. Passamos assim a vida, alegres e contentes.

Avaliação "*Preservar as memórias*"

O projecto acho que está bom. Acho importante preservar as memórias de antigamente. Assim até fica a vida infeliz de alguns. Se não fosse assim não

sabiam nada. Amanhã têm para contar aos filhos e aos netos e se a pessoa não passar por isso não pode contar.